



## RESENHA

**Rosa, Hartmut. *Alienação e Aceleração: por uma teoria crítica da temporalidade tardo-moderna***

Rosa, Hartmut. Alienation and Acceleration: Towards a Critical Theory of Late-Modern Temporality

Vinícios Welter Dias  
Silva<sup>1</sup>

[orcid.org/0009-0002-4335-7280](https://orcid.org/0009-0002-4335-7280)  
[vinicioswelter@gmail.com](mailto:vinicioswelter@gmail.com)

Recebido em: 21 set. 2025.

Aprovado em: 03 nov. 2025.

Publicado em: 23 fev. 2026.

**Resumo:** Esta resenha procura delinear os principais desenvolvimentos da obra *Alienação e Aceleração*, do sociólogo alemão Hartmut Rosa. Uma tradução de obra publicada em 2013 trabalha na integração da Teoria da Aceleração Social, deste autor, com aparatos teóricos e normativos críticos, visando revelar "o que é a boa vida, e por que não a estamos vivendo". Destinchamos, neste sentido, a estrutura da obra e seu conteúdo, depreendendo dela seu argumento mais importante: a teorização da Aceleração Social, problemática latente do século XXI, como um regime temporal totalitário e alienante contribuinte às crises das sociedades, das identidades, de nossas relações humanas e com a própria Terra.

**Palavras-chave:** alienação; aceleração; modernidade; percepção do tempo; Teoria Crítica.

**Abstract:** This review seeks to expose the primary contributions of the work *Alienation and Acceleration*, from German sociologist Hartmut Rosa. A translation of the work published in 2013, it endeavours in the integration of the author's Theory of Social Acceleration with theoretical and normative critical apparatuses, seeking to discover "what is the Good Life, and why aren't we living it?". We elucidate, in this direction, the structure and content of this book, in regards to its most important argument: the theorization of Social Acceleration as an alienating, totalitarian time regime, contributor to the crises of society, social identity, and humans' relations with each other and with the Earth itself.

**Keywords:** Alienation; Acceleration; Modernity; Perception of Time; Critical Theory.

Um "ensaio sobre a vida moderna", *Alienação e Aceleração: por uma teoria crítica da temporalidade tardo-moderna* (2022) é a tradução da tentativa do sociólogo Hartmut Rosa de esboçar caminhos para uma renovação da Teoria Crítica como pensamento emancipatório. Propõe sua recuperação pela formulação das "perguntas corretas", que deem conta de traçar caminhos à resolução das questões que hoje inibem o que Rosa chama de *bom-viver*. Há algo errado com a vivência tardo-moderna, o sabemos, mas não temos as ferramentas reflexivas para resolvê-lo. O autor adentra, nas 159 páginas do livro, nessa tarefa.

O livro opera como uma síntese da produção acadêmica de Rosa dos últimos vinte anos, centrada na sua teorização da Aceleração Social. Toma esse conceito como um dos feitos definidores da modernidade, que hoje tornou-se mecanismo "totalitário" de um regimento rígido da vivência humana. Mesmo declarando não ter finalidades empíricas,



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob a licença [CC-BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), que permite a cópia e redistribuição do material em qualquer formato e para qualquer finalidade, desde que a autoria original e os créditos de publicação sejam mantidos.

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

Rosa (2022, 24) recorre a definições mensuráveis: a Aceleração Social é o "declínio das taxas de confiança em experiências e expectativas, bem como pela contração do hiato de tempo definível como o 'presente'". Não apenas as *coisas em sociedade* se tornam mais rápidas, como também a própria taxa de aceleração da aceleração. Desta lente interpretativa da modernidade, Rosa depreende sua reconstituição da Teoria Crítica na Modernidade Tardia em três partes, que orbitam sua Teoria da Aceleração Social.

Em um primeiro momento (denominado "Uma Teoria da Aceleração Social"), que compreende os cinco primeiros capítulos, discorre acerca da Aceleração Social e suas consequências. Discerne entre três tipos de aceleração: (a) tecnológica, (b) das mudanças e (c) do ritmo da vida. Na modernidade tardia, esses três processos correlatos se autonomizam em um *feedback loop*. São configurados segundo os motores da competição e cultura: "tempo é dinheiro", e "quem para fica para trás". Analisa, também, sua relação dialética com a desaceleração, desde engarrafamentos até os retirios empresariais, que é subalterna à aceleração, geralmente uma *reação* a ela, e não processo independente. Rosa (2022, 95) aponta que a Aceleração Social não é a raiz da modernidade, mas sim sua *dynamis*, seu "processo nuclear".

A segunda parte ("A Aceleração Social e as versões contemporâneas da Teoria Crítica"), composta de quatro capítulos, recorre ao que Rosa entende como as "mais bem-sucedidas" tendências da Teoria Crítica para indagar "o que falta" para o *bom-viver*. As dificuldades societárias identificadas por toda uma gama de teóricos críticos são, para Rosa, intimamente relacionadas à Aceleração Social. Entende que o tempo é o ponto nevrálgico da crise: a aceleração pressiona, invisivelmente, o *todo* social a tal ponto que ameaça rompê-lo. A retroalimentação desses processos desestabiliza as fundações da sociedade. O sentido histórico, a democracia, as próprias identidades humanas fraquejam perante

esse regime temporal opressivo.

Termina, na terceira parte ("Esboços de uma teoria Crítica da Aceleração Social"), constituída dos últimos cinco capítulos, com o esforço de integrar sua crítica temporal com marcos teóricos e normativos. "A velocidade como norma social hegemônica está 'naturalizada' na sociedade moderna" (Rosa 2022, 82-3). Um mundo hipercelerado que, na modernidade tardia, entende uma das suas grandes contradições – o regime temporal totalitário – como "dado" (2022, 83-4), deve reencontrá-lo como mecanismo socialmente construído e, portanto, negociável. O metabolismo social<sup>2</sup>, elevado ao enésimo grau de intensidade, não é normal e não pode levar à "boa vida". Avança, na parte final da obra, à conjunção de conceitos que possam descrever e criticar o regime temporal.

Trabalha para conjugar, na Crítica da Aceleração Social, três "tipos" de crítica: uma funcionalista, que aborda como esta configuração sistêmica *não pode funcionar* no longo termo; uma moral, que, pautada na *justiça das relações sociais*, rejeita a distribuição desigual de recursos temporais; e uma ética, que vê no regime temporal as condições de alienação totalitária por normas e pressões naturalizadas.

A alienação é uma chave interpretativa central à concepção de Rosa do *bom-viver*. Divide-a em cinco tipos: (a) alienação do espaço; (b) das coisas; (c) das nossas ações; (d) do tempo; (e) de si e dos outros. Aponta que o "desenraizamento" do espaço e do tempo os priva de "serem lugares", que geram histórias e identidades. Das coisas, vemos que sua substituição acelerada as impede de serem integradas em nossa identidade. Nossas ações são alienadas ao passo que, tendo infinidade de opções e finitude temporal, é impossível vivenciar a plenitude desta *possibilidade de ser*. Sentimos, sempre, que "algo foi perdido": resulta disso uma eterna insatisfação. Somos alienados de nosso tempo pois a vivência humana acelerada é descontextualizada, a vida é composta não por uma linha narrativa, mas, sim,

<sup>2</sup> Para tomar uma ideia de István Mészáros (2011).

por "ações únicas" que vêm e são esquecidas. Finalmente, o efeito da aceleração por sobre as relações humanas é de "desintegração e erosão dos compromissos". A saturação social impede relacionamentos íntegros. "Tudo que é sólido se desmancha no ar", rememora Marx.

Argumenta, então, que o regime temporal não é mera característica negligível, mas, sim, uma força normativa invisível cuja pressão constante transforma nossas relações de *ser no mundo* (Rosa 2022, 62). Instaura-se um "regime totalitário" de controle por cronogramas, relógios e datas-limite, que se faz parecer natural, mas nada mais é do que a consolidação histórica da Aceleração Social como dinâmica da modernidade. É totalitário por (1) pressionar a sociedade *in totum*, (2) ser inescapável, (3) ser onipresente e (4) ser aparentemente in criticável, pois é entendido como perene (Rosa 2022, 88).

Na luta por "todo átomo de tempo" (Negt 1984), as sociedades humanas se veem dessincronizadas, incapazes de acompanhar o ritmo da sociedade e seus processos. Decorrem disso patologias individuais e estruturais. As instituições fraquejam, as energias sociais são drenadas pela saturação de interações (sobretudo as banais). Indivíduos, sobrecarregados na *rat race* hipercelerada, recaem à depressão, ao *burnout* e a outras condições que são tão mais prevalentes conforme o grau de Aceleração Social vivenciado: "o cotidiano da vida se tornou um mar de demandas em que nos afogamos" (Rosa 2022, 109-10).

Não apenas as pessoas se desentendem com as lógicas temporais que as impelem a acelerar sempre; também a natureza não o aguenta, e este descompasso é claro: a exaustão total dos recursos naturais (Rosa 2022, 100-1). Em termos societários, as instituições não conseguem ditar o ritmo social tal qual o conseguiam historicamente: são dominadas pela lógica econômica de tal modo que são imobilizadas, algo enunciado claramente pela incapacidade de regimes democráticos "avançados" de criar consenso sobre perigos existenciais à humanidade. Esse

desequilíbrio das instituições, que formam a base estável da transformação societária, transborda à própria economia: a separação temporal entre crises tem diminuído, especialmente devido à sobrevalorização da economia virtual, a única que consegue "crescer" nos ritmos que demanda a dinâmica da aceleração (Rosa 2022, 105).

Este conjunto disfuncional, diz Rosa, é regido por uma "ideologia da falsa necessidade". A aceleração retroalimentada, este regime temporal totalitário, produz um conjunto de pressões tão totais para que a modernidade possa existir a partir delas. A organização de uma sociedade "livre de normas obrigatórias", como avança a "autopercepção hegemônica da liberdade", se faz pelo sistema normativo "oculto" das pressões temporais e pela *culpa*<sup>3</sup> (Rosa 2022, 110) que seus motores (da competição e cultura) impõem por sobre o *todo* social:

[...] a linguagem silenciosa do tempo [...] é suficientemente eficiente para satisfazer a imensa necessidade de regulação das sociedades modernas justamente porque ela permanece desse jeito - em silêncio, imperceptível, ideologicamente individualizada e naturalizada (Rosa 2022, 112).

*Alienação e Aceleração* é uma hábil recapitulação de extensa obra. Essa tradução ajuda a introduzir em terras tupiniquins uma investigação que integra uma preocupação societária latente – a estonteante velocidade do *ser* e nossa incapacidade de acompanhar seu ritmo – com um *corpus* teórico constituído e uma aproximação emancipatória. Tem sua maior contribuição na formulação de novas perspectivas teóricas e normativas à Teoria Crítica, baseadas, para ele, na *experiência vivida* ("o que está causando o sofrimento humano, e o que podemos fazer sobre?") e no *bom-viver* como autoconcepção da felicidade humana. Não aplica pré-condições ou assunções rígidas (como a "essência humana" ou o "destino histórico do proletariado"), mas, sim, toma-as da sociedade como ela se concebe, para daí perseguir opções emancipatórias. Da recepção de obras como essa, os ventos elisios

<sup>3</sup> Que Rosa também chama de "a retórica do 'devo'" (Rosa 2022, 109).

da academia trazem Rosa ao Brasil e, com ele, uma carga intelectual rica em possibilidades interpretativas da modernidade tardia.

## Referências

Mészáros, I. 2011. *A Crise Estrutural do Capital*. Traduzido por F. Raul Cornejo et al. Boitempo. <https://doi.org/10.9771/gmed.v2i1.9611>.

Negt, O. 1984. *Lebendige Arbeit, enteignete Zeit: Politische und kulturelle*

*Dimensionen des Kampfes um die Arbeitszeit*. Campus.

Rosa, H. 2022. *Alienação e Aceleração: por uma teoria crítica da temporalidade tar-do-moderna*. Traduzido por F. R. Lucas. Vozes.

---

## Vinícios Welter Dias Silva

Bacharel em História (PUCRS), Mestrando em Comunicação Social (PUCRS). Bolsista CAPES.

---

## Como citar este artigo

Welter Dias Silva, V. Rosa, Hartmut. Alienação e Aceleração: por uma teoria crítica da temporalidade tar-do-moderna. *Conversas & Controvérsias*. <https://doi.org/10.15448/2178-5694.2026.1.48886>

*Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.*